

O MISTÉRIO DA MORTE-IMORTALIDADE EM LEONARDO COIMBRA

1. O Criacionismo: antídoto à instalação dos cépticos

Na filosofia de Leonardo Coimbra, em sentido estrito, criacionismo é uma teoria do conhecimento, em que sujeito e objecto estão em íntima correlação recíproca, numa espécie de relação vital que os torna inseparáveis, por isso, incapazes de desempenhar a sua função se essa união se desfaz ainda que momentaneamente: «Tudo o que se pretende encontrar isoladamente do lado do sujeito ou do lado do objecto é esquecimento da unidade funcional sujeito-objecto.»¹

Em sentido lato, criacionismo é a designação dada por Leonardo Coimbra à sua filosofia. É nesta acepção que melhor poderemos entender o papel de Leonardo Coimbra no âmbito da «Renascença Portuguesa». Leonardo Coimbra - juntamente com Teixeira de Pascoaes - foi das mais perseverantes figuras daquele movimento cultural, em manifesta crise a partir de 1918², e do seu órgão, *A Águia*, que reflectindo bem essa instabilidade conseguiu, contudo, manter-se até 1932. O fulcro da filosofia criacionista leonardina vê-se patenteado numa das tendências que encontramos na «Renascença Portuguesa», identificada com o ideal dessa mesma filosofia: criar (filosofia da liberdade), respeitando duas directrizes - reter as ideias estrangeiras (não como escravos imitadores) e,

¹ Leonardo Coimbra, *A Luta pela Imortalidade*, Renascença Portuguesa, Porto, 1918, p. 78.

* Como esta obra de Leonardo Coimbra será frequentemente referida, de agora em diante utilizaremos apenas a sigla *LI*.

² A própria fundação, e mais propriamente a orientação do movimento, fora já marcada pela discordância, materializada de uma forma marcante pela elaboração, não de um, mas de dois Manifestos - por parte de Teixeira de Pascoaes e de Raul Proença -, sem que houvesse consenso em assumir um deles como a expressão das linhas directrizes do movimento - Cf. Alfredo Ribeiro dos Santos, *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1990, pp. 75 e ss.

simultaneamente, ter em conta o próprio povo, a sua idiossincrasia, isto é, construir um novo pensamento que não seja desenraizado do meio onde é gerado.

Leonardo Coimbra procura uma nova maneira de interpretar o homem português, tentando encontrar o seu psicotipo, para daí construir algo de bases sólidas e com estrutura consistente, em que o homem individual tenha papel activo, gerando continuamente uma praxis dinâmica. A sua filosofia criacionista aparece-nos, pois, como um antídoto à instalação dos cépticos: «O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer»³, afirma ele na sua primeira obra.

A sua filosofia criacionista, por ser filosofia da liberdade, como ele próprio explicava, não é uma doutrina desincorporada, qual metafísica anacrónica, mas algo que se ia edificando, assente em alicerces firmes. O seu pensamento filosófico pode ser comparado à estrutura de uma pirâmide, na *base* da qual estão as noções científicas, e em cujo *vértice* funcionará a germinação criacionista, caracterizada pela espontaneidade, pela «criação», pela liberdade, pela aventura. Assim, o criacionismo, para Leonardo Coimbra, «traduz a realidade dramática das consciências que só existem convivendo num esforço permanente de fraternidade e acordo, justiça e beleza»⁴, numa constante luta, em liberdade e em constante devir, pela «criação» da realidade.

2. O Espiritismo como tentativa de penetração no Mistério da Morte

2.1. - Na interpretação de António de Magalhães, no centro das preocupações de Leonardo Coimbra «estava, desde a primeira hora, o *homem*, o homem Leonardo, com os seus problemas pessoais sempre vividos na tensão de equacioná-los, resolvê-los e simultaneamente os prospectar em benefício dos outros homens.»⁵ Por isso, a sua expressão é sempre movida pela preocupação original de se interrogar e responder a si próprio, facto que empresta frequentemente ao que diz ou escreve um tom de humanidade

³ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico*, Renascença Portuguesa, Porto, 1912, p. 5.

⁴ Manuel Freitas, «Leonardo Coimbra. Incidências positivistas na sua Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XVI, 2(1960), p. 172.

⁵ António de Magalhães, «A Perenidade do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XII, 4(1956), p. 338.

coloquial. O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra é fundamentalmente antropológico, em que os problemas cogitados sempre divergem do próprio homem ou para ele convergem, sejam os problemas científicos de toda a ordem, sejam as preocupações e cuidados que se apresentam na sua vida de homem.

É precisamente a partir de um problema existencial, a morte do seu primeiro filho, que se levanta uma questão na sua vida inquiridora de filósofo: o problema da Morte - um dos que mais mexia com o íntimo de Leonardo Coimbra e mais intrincado se lhe apresentava, o «eterno e indefectível inimigo», segundo as suas próprias palavras.

Perante um mistério, neste caso o da Morte, havia que enveredar por vários caminhos na demanda de qualquer pista que levasse ao seu encurtamento⁶. Uma das vias seguidas por Leonardo Coimbra, numa tentativa de «provar» a imortalidade, foi a da Metapsicologia⁷. O que, afinal vem dar eco àquilo que deixara estampado no final da sua primeira obra, que a sua indagação filosófica era pensada «diante da evocação de todos os homens e seres, na mais pura sinceridade e na mais verídica, fremente e directa curiosidade.»⁸

Diante do total desconhecimento do pós-morte, Leonardo Coimbra tenta interpretar fenómenos paranormais, e faz mesmo experiências com médiuns, que o possam encaminhar para o esclarecimento do mistério da Morte-Imortalidade. Algo ficará esclarecido ou será que, estudos posteriores, de índole diferente, darão uma interpretação mais positiva aos mesmos fenómenos e, conseqüentemente, o mistério permanecerá?

No ideário de Leonardo Coimbra, segundo a visão sintética de António de Magalhães, «ora predomina um pensamento mais interessado na resolução dum problema

⁶ Leonardo Coimbra era possuído pela mais sadia curiosidade, que o levava a interrogar-se sobre certos mistérios da existência, percorrendo mesmo, por isso, vias menos ortodoxas do pensamento filosófico: «A sua curiosidade universalista recorreu a todas as expressões particulares de esclarecimento e informação: a poesia, o romance, o espiritismo, a teosofia, a mística, a metapsíquica, a psicanálise, a teologia» - Sant'Anna Dionísio, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1936, pp. 58-59.

⁷ Metapsicologia era a denominação daquilo que hoje tem equivalência no termo Parapsicologia. Como também «A Parapsicologia é a versão científica do Espiritismo, assim como o Espiritismo é a expressão mais evoluída e já pré-científica da necromancia antiga e medieval, do esoterismo de todos os tempos e das seitas pseudo-científicas mais recentes.» - F. Soares Gomes, «Parapsicologia», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1991. Com bons subsídios nesta matéria, veja-se também a interessante obra de António Lobo Vilela, *Hipóteses Metapsíquicas*, Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Porto, s/d.

⁸ Leonardo Coimbra, *O Criacionismo*, op. cit., p. 311.

vital - *A Luta pela Imortalidade* -, ora predomina um pensamento mais atento a problemas de ordem especulativa - *A Razão Experimental.*»⁹ Sendo, no entanto, Leonardo Coimbra «um homem fragmentário e múltiplo»¹⁰, segundo o testemunho do seu discípulo e amigo Sant'Anna Dionísio, a que subjazia um «temperamento fáustico», caracterizado pelo universalismo e pela inquietação que fazia nascer nele um sentimento de angústia, perceptível desde o princípio ao fim da sua obra¹¹.

Como pano de fundo do sentimento de angústia encontramos, por vezes veladamente, o problema religioso. A ideia de Deus acompanhava-o - que esclarecerá cada vez mais com o evoluir da sua vida -, mas a sua resistência em ultrapassar o plano do racional, gerava-lhe uma grande tensão interior, pois Leonardo era um «espírito que nasceu, pode dizer-se, para aspirar atingir uma verdade absoluta - no fundo viveu sempre no desespero surdo de sentir que não poderia esperar atingir essa verdade como mais veementemente desejava: pelo *pensamento livre e diligente*»¹², ou então, muito simplesmente pela cultura.

Aquele ponto nevrálgico da vida de Leonardo Coimbra, o «nó» religioso, ter-lhe-ia criado, com certeza, indícios de neurose latente, pelo conflito entre a ideia inconsciente de Deus e a recusa do consciente em aceitá-la: «Ele queria efectivamente crer - mas a inteligência era nele demasiado ampla, exigente e instruída para que essa vontade não sofresse rudes embargos.»¹³ Talvez por isso, já na fase derradeira da sua vida, depois de longa caminhada, em que Deus se lhe ia tornando cada vez mais familiar, virá reconhecer o atraçoamento que recebera de si próprio, quando no seu estudo, publicado postumamente, *O Homem às Mãos com o Destino*, deixará este grito reflectido: «O maior inimigo da vida é o entendimento.»¹⁴

Em última análise o que ele queria esclarecer era sempre o homem: «O pensamento de Leonardo Coimbra é fundamentalmente antropológico e, ainda quando se amplia ao cosmos, é sempre em função do homem que o contempla, estuda e admira.»¹⁵ E, dentre o homem a-esclarecer, aparece em grande plano o problema da Morte.

⁹ António de Magalhães, *Art. cit.*, p. 343.

¹⁰ Sant'Anna Dionísio, *Op. cit.*, p. 39.

¹¹ Cf. *Ib.*, p. 41.

¹² *Ib.*, p. 41.

¹³ *Ib.*, p. 42.

¹⁴ Cf. in separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, VI, 1(1950).

¹⁵ António de Magalhães, *Art. cit.*, p. 338.

2.2. - Segundo Sant'Anna Dionísio, «o mistério da Morte foi um dos que mais concretamente atraiu as perscrutações do espírito de Leonardo Coimbra. Toda a sua obra de escritor e orador está tocada do esforço da sua compreensão (...) que se vê pela curiosidade dramática que manifestou sempre pelas investigações espíritas e metapsíquicas.»¹⁶ Como referimos anteriormente, encontramos em Leonardo Coimbra uma inclinação natural e um esforço voluntário na tentativa de sondar a vida para além da morte.

A morte, para Leonardo Coimbra, aparece qual ladrão a investir quando se apercebe que alguém está aforrando alguns bens, vendo crescer emocionalmente essas poupanças, ou quando alguém vai edificando uma casa, que está a construir com muito esforço, e aparece um vendaval que tudo desmorona: «A Morte é, com efeito, a maior brutalidade da natureza; por ela a consciência aparece impedida a meio da sua organização ascendente.

[...] Uma vida ia seguindo na criação dos seus valores espirituais, *a curva da consciência ia no ramo ascendente*, vem a morte e *esconde* essa consciência.»¹⁷

Leonardo Coimbra vê a Morte como um choque, como uma brutalidade que, camufladamente, aparece e, simultaneamente, com uma fragrância peculiar, arrebatava qualquer ser, ainda mesmo o intuitivo artista: «A simpatia universal do artista apreende actividades, adivinha indícios, almas hesitantes que o claro sol da consciência venha a iluminar. Mas sempre a morte vem brutalmente protestar contra os esforços de consciência plena e harmónica e dizer que a vontade, que leva um corpo ao sacrifício para alimentar um valor espiritual, se perde, *desaparecendo* para o convívio e crescimento.»¹⁸

No plano filosófico, são sugestivos e pertinentes alguns qualificativos que Leonardo Coimbra, em *A Luta pela Imortalidade*¹⁹, atribui à Morte, que parecem expressar, bem no seu íntimo, uma acentuada tensão e, até, um certo terror secreto:

¹⁶ Sant'Anna Dionísio, *Op. cit.*, p. 48.

¹⁷ *LI*, pp. 102-103.

¹⁸ *Ib.*, p. 171.

¹⁹ Restringimo-nos aqui deliberadamente quase só ao conteúdo de *A Luta pela Imortalidade* (1918), uma vez que os estudos anteriores, nomeadamente *A Morte* (1913) e «A luta pela imortalidade» (publicado em 1913, na revista *A Águia*, 2ª série, III, nº 14, pp. 62-71, e recolhido postumamente no volume *Dispersos. III Filosofia e Metafísica*, compilação, fixação de texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, Nota preliminar de Francisco da Gama Caeiro, Editorial Verbo, Lisboa, 1988), embora sinceros, têm subjacente o objectivo muito concreto de confortar o pessimismo e a dor da sua mulher pela morte do seu primeiro filho, como o próprio Leonardo Coimbra confessa: «O meu livro – ‘A Morte’ - é um compromisso entre o meu método e os teus desejos» (*LI*, p. 10), afirma o Filósofo sofredor, depois de, imediatamente antes, haver esclarecido: «Por ti [Minha querida esposa] trabalhei, para ti muito especialmente procurei provas experimentais e acessíveis do meu pensamento metafísico.»

«a maior brutalidade da natureza.»²⁰

«o primeiro e o último enigma, ela é a velha Esfinge, guardando com a sua majestosa presença o silêncio do Deserto e das Pirâmides.»²¹

«A Morte é o Mistério.»²²

«É a distância entre a imagem do terror, a efabulação das últimas agonias dos moribundos, e a imaginação de Dante.»²³

«facto brutal.»²⁴

«o eterno e indefectível inimigo.»²⁵

«entreaberto e profundo Mistério.»²⁶

«máscara vigorosa, brutal e esfíngica.»²⁷

Perante mistério tão adverso à vida, não haverá meio de penetrá-lo? - interroga-se Leonardo Coimbra: «Mas cara a cara, o facto brutal da Morte, não havemos de encará-lo e tentar experiências directas que o esclareçam? É o que se vai fazendo num conjunto de trabalhos que se rubricam com o nome de meta-psicologia.»²⁸

2.3. - A noção que Leonardo Coimbra tem de Metapsicologia, e respectivo domínio temático, é esclarecido por ele próprio nestas palavras: «A primeira conquista da meta-psicologia é que os nossos conhecimentos não têm por única porta de entrada os sentidos normais.

Vemos e ouvimos dentro de certos limites e normas.

Comparando os conteúdos de *A Morte* (1913) e de *A Luta pela Imortalidade* (1918), vemos um acontecimento trágico - a morte de seu primeiro filho - a marcar o horizonte de ambos, mas enquanto o primeiro estudo é marcado por um optimismo *intencional*, o segundo ensaio está repassado por sentimentos de dor e desolação. Nesta última obra encontramos bastante unidade, mesmo tendo em conta que teria sido escrita nos tempos livres entre as aulas do Liceu Gil Vicente - cf. Hernâni Cidade, «Leonardo Coimbra (Depoimento de um companheiro de trabalho)», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 52.

Sobre a morte do seu filho, o próprio Leonardo Coimbra nos informa que fora imediatamente antes da publicação do primeiro livro *O Criacionismo*, pois refere que «Acabara esse livro num sábado, no domingo lera as conclusões ao poeta Teixeira de Pascoaes, na segunda-feira adoecia o nosso filho bruscamente e para morrer» - *LI*, p. 10.

²⁰ *LI*, p. 102.

²¹ *Ib.*, p. 173.

²² *Ib.*

²³ *Ib.*

²⁴ *Ib.*, p. 183.

²⁵ *Ib.*, p. 192.

²⁶ *Ib.*, p. 204.

²⁷ *Ib.*, p. 267.

²⁸ *Ib.*, p. 183.

Essas normas são exercidas em certos indivíduos e condições, cujo determinismo está muito longe da nossa apreensão.

É assim que se verificam casos de transmissão dum pensamento sem a sua expressão sensível.»²⁹

Percorrendo a história do novo domínio do saber, ou incipiente ciência, hoje chamada Parapsicologia, não encontramos o recurso ao termo Metapsicologia, mas sim a referência à Metapsíquica. Foi Charles Richet que, em 1905, perante os membros da Society for Psychical Research, de Londres, introduziu o termo Metapsíquica. Mas Richet não teria sido totalmente original já que, em 1837, Gorres tinha utilizado o termo Metapsicologia para designar as mesmas investigações e fenómenos³⁰. Entretanto, vários outros nomes foram sendo usados, como «Investigações Psíquicas», «Ocultismo Científico», «Psicologia Supranormal», «Psicologia Transcendental», etc., embora com menos frequência, para exprimir a mesma realidade.

No entanto, especialmente com a nova orientação tomada com a publicação do primeiro livro de J. B. Rhine, *Extra-Sensory Perception*, em 1934, de grande influência reformadora e de aperfeiçoamento de métodos, ficou a prevalecer o nome «Parapsicologia» para designar a versão científica de determinados fenómenos, reservando-se o nome «Metapsíquica» para as investigações mais antigas. Então, a Parapsicologia passou a ser «a ciência que tem por objecto a comprovação e a análise dos fenómenos, à primeira vista inexplicáveis, que apresentam, porém, a possibilidade de serem resultado das faculdades humanas.»³¹

É interessante como também nestas matérias Leonardo Coimbra revelasse grande apetrechamento de conhecimentos, pois, tal como é corrente na Parapsicologia, também na sua primeira obra *O Criacionismo* (1912) ele se refere a «duas ordens de fenómenos. Nuns há manifestação de uma mónadas viva dirigindo um sistema estranho (sugestão, hipnotismo, transmissão de pensamento, etc.); noutros parece haver

²⁹ *Ib.*, pp. 183-184.

³⁰ Cf. Óscar González-Quevedo, *A Face Oculta da Mente*, 31ª ed., Editorial A. O., Braga, s/d, pp. 27 e ss.

³¹ *Id.*, *O que é a Parapsicologia?* 10ª ed., Editorial A.O., Braga, 1978, pp. 19-20. Dito de outro modo: «A Parapsicologia científica ocupa-se essencialmente dos fenómenos paranormais» ligados directa ou indirectamente ao homem. Fenómenos esses que são fundamentalmente de dois tipos: por um lado, certas actividades mentais para as quais não se encontra explicação razoável ao nível das faculdades humanas conhecidas; por outro, certos efeitos físicos, sem explicação pelo conhecimento científico actual, cuja origem é igualmente atribuída à mente humana - Cf. F. Soares Gomes, «Parapsicologia», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1991, cl. 1336.

manifestação dum múnada de morto por um sistema estranho, que actua *imediatamente* (fala de uma língua desconhecida ao médium, escrita directa pelo lápis, etc.) ou *indirectamente* (pancadas de mesa, etc.).»³² Embora, neste último tipo de fenómenos, Leonardo Coimbra esteja nos antípodas da Parapsicologia pois, para este saber, até ao momento, todo esse tipo de fenómenos paranormais tem explicação a partir dos vivos e não dos mortos.

A Parapsicologia - reconhecida como ciência a partir de 1953, data da realização do Congresso Internacional de Parapsicologia, em Utreque - constituiria uma terminologia própria para designar os diversos tipos de fenómenos. Assim, por exemplo, ao fenómeno de transmissão de pensamento, designa-o por telepatia ou hiperestesia directa ou indirecta de pensamento; ao fenómeno de falar uma língua estrangeira desconhecida pela própria pessoa, chama-lhe xenoglossia; as pancadas na mesa e o levantamento de objectos a distância têm a denominação de telecinesia, etc.³³.

Passemos então à análise, à luz da Parapsicologia, de alguns fenómenos observados e estudados por Leonardo Coimbra - nomeadamente a manifestação da «múnada de morto» -, nos quais depositava grandes esperanças de virem a levantar o véu do mistério da Morte.

2.4. - Antes de entrarmos propriamente na análise de algumas experiências, referidas ou observadas por Leonardo Coimbra, vejamos qual a sua posição perante o Espiritismo. Posição que, adiantamos, nos parece ir no sentido de alguma simpatia pela crença espírita, apesar da opinião em contrário de seu filho, expressa em pequena obra de refutação a uma outra que Sant'Anna Dionísio dedicara a seu pai³⁴.

Para Sant'Anna Dionísio a simpatia e o recurso de Leonardo Coimbra ao Espiritismo era um facto evidente, pois a morte do seu primeiro filho - e todo o mistério da Morte em geral -, «levava-o a recorrer à experiência das indagações espíritas para tentar suprir a insuficiência do pensamento perante o facto consumado, irreduzível e

³² Leonardo Coimbra, *O Criacionismo*, op. cit., pp. 295-296.

³³ Sobre estas matérias vejam-se as já referidas obras de Óscar González-Quevedo e, ainda deste mesmo autor, *As Forças Físicas da Mente*, 2 vols., 10ª ed., Editorial A.O. Braga, 1978.

³⁴ O estudo de Sant'Anna Dionísio já fora referido. O opúsculo do filho, Leonardo Coimbra Filho, tem por título *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Anna Dionísio «Leonardo Coimbra. Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas»*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936.

desconforme.»³⁵ Acrescenta ainda aquele pensador português que, já para o final da vida, Leonardo Coimbra teria realizado experiências com um médium, das quais teriam sido feitas actas, que deveriam constar do seu espólio³⁶. Em resposta a Sant'Anna Dionísio, o filho de Leonardo Coimbra traz à luz um opúsculo que, entre outros esclarecimentos, nega terminantemente a ligação de seu pai ao Espiritismo, alegando em reforço da sua tese o antagonismo entre a atitude do pai diante do cristianismo e a eventual crença espírita: «apesar do entusiasmo despertado por certas experiências (espíritas), meu pai se conservou [...] absolutamente fora de qualquer compromisso com o credo espírita. É que essa crença não correspondia nem podia preencher o vazio da sua alma aspirando à plenitude de vida que nos é dada pelo Verbo increiado.»³⁷

No entanto, mais adiante, por via diferente, parece vir a afirmar uma posição contrária quando assevera que «pela metapsíquica o homem pode levantar o véu do templo do Mistério e chegar a esta certeza - a alma subsiste, para além da morte.»³⁸ É que, em nossa opinião, e contrariamente à posição fundamental do filho, não está em causa se Leonardo Coimbra era militante, de compromisso assinado, do Espiritismo. Interessa, sim - neste caso concreto de pôr em evidência a posição antropológica de Leonardo Coimbra - é ver qual a sua atitude perante a doutrina do Espiritismo, que defende a comunicação com os espíritos dos mortos³⁹.

Também Faure da Rosa se interessou pelo estudo desta problemática, referindo que aquilo que Leonardo Coimbra viu neste tipo de experiências era, perscrutando o sentir do próprio Leonardo, na sua maior parte, «feio» e «tolo». No entanto, «lealmente, [Leonardo Coimbra] também afirma que não teria tido interesse em continuar

³⁵ Sant'Anna Dionísio, *Op. cit.*, p. 86.

³⁶ Tivemos indicação, sem confirmação definitiva, que esse material poderia ter estado na posse do Pe. António Magalhães, amigo de Leonardo Coimbra, e teria ardido no incêndio que em tempos deflagrou no Colégio das Caldinhas, em Santo Tirso, onde residia, na altura, aquele sacerdote jesuíta.

³⁷ Leonardo Coimbra Filho, *Op. cit.*, 28.

³⁸ *Ib.*, p. 29.

³⁹ Aliás, como afirma o seu contemporâneo e amigo Ângelo Ribeiro, Leonardo Coimbra enveredou por este tipo de experiências na mira de obter uma confirmação para o seu sistema filosófico: «Se a experimentação, no significado científico da palavra, viesse um dia a provar rigorosamente a persistência da memória pessoal para além da morte, o sistema metafísico de Leonardo Coimbra receberia uma confirmação peremptório.» Logo de seguida, confirma as experiências de Leonardo Coimbra no âmbito do Espiritismo, às quais ele próprio diz ter-se associado: «Eis porque ele, nos últimos tempos, tem consagrado *uma grande parte do seu tempo* a tão curiosas como perturbantes investigações. Nesses trabalhos o tenho acompanhado sempre, numa acesa curiosidade de estudioso.» - Ângelo Ribeiro, «O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra. A propósito do seu último livro *A Luta pela Imortalidade*», in *Atlântida*, Lisboa, IX, 33-34(1919), p. 943. O itálico é nosso.

tais pesquisas, se nada de valioso tivesse colhido.»⁴⁰ E, umas linhas mais adiante, acrescenta: «Leonardo Coimbra entende que estas experiências são muito interessantes. Mais: que não é fácil evitar que apareça a teoria da *sobrevivência manifestada* como necessária explicação, o que, até certo ponto, está de acordo com a afirmação de Lodge: "Se se conseguir pôr de parte a faculdade hipotética e inverificável da telepatia ou da clarividência, chegar-se-á à demonstração da sobrevivência do homem e à do poder de comunicar com os defuntos, a despeito da ausência dos seus órgãos corporais."»⁴¹

Quanto aos textos de Leonardo Coimbra, o que apurámos vai no sentido de alguma simpatia pelo espiritismo - numa clara posição de filósofo, que não afasta, à partida, um qualquer caminho que possa trazer algum esclarecimento para os problemas fundamentais -, pelo menos na fase em que se encontravam as suas investigações⁴²; de tomar o espiritismo como uma hipótese⁴³; apesar de se insurgir contra a circulação de «um catecismo espiritista, que, além de disparates incomensuráveis e imbecis paralogismos, cita a confirmá-los a opinião de muita gente boa como V. Hugo, Darwin, Laplace, Ribot, etc.»⁴⁴. Já em estudo de 1913, e depois de estabelecer a relação entre ciências e filosofia⁴⁵, Leonardo Coimbra chegara à conclusão geral de que os problemas do espiritismo devem ser estudados cientificamente e depois entregues ao filósofo, o que, no que respeita à primeira parte da proposição, constata ele que já vem acontecendo, como o mostra o livro sério do físico Oliver Logde; o segundo aspecto é que ainda está para indagar, tarefa que o nosso filósofo se propõe na sua *Luta pela Imortalidade*. É da análise de algumas experiências de Leonardo Coimbra nesta matéria, e respectivas conclusões, que nos ocuparemos de seguida.

⁴⁰ Faure da Rosa, «As Experiências Metapsíquicas de Leonardo Coimbra», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 165.

⁴¹ *Ib.* Mas se a Parapsicologia «provar» - como, aliás, «prova» -, que a telepatia e a clarividência são fenómenos relacionados com os vivos e não com os mortos, este tipo de argumentação não colhe a favor da causa da comunicação com os espíritos dos mortos.

⁴² Diz Leonardo Coimbra: «Não se poderá dizer *nesta altura* que seja muito grande a nossa simpatia pelo espiritismo. [...] Mas é claro que o nosso interesse não nos teria levado a estas pesquisas, se delas nada de valioso soubéssemos.» - *LI*, p. 191. O itálico é nosso.

⁴³ Cf. *Ib.*, p. 188.

⁴⁴ *Ib.*, p. 190.

⁴⁵ Sobre esta relação diz textualmente Leonardo Coimbra: «As ciências fazem uma elaboração no sítio, a filosofia uma elaboração ubíqua. As ciências trabalham numa dimensão, a filosofia passa por sobre as dimensões medindo nelas a sombra do ser» - «A propósito do espiritismo», in *Ideia Livre*, Porto, 2ª Série, 12(1913), recolhido em *Dispersos III. Filosofia e Metafísica, op. cit.*, p. 169.

2.5. - Entrando então no campo das experiências, Leonardo Coimbra apresenta vários casos de telepatia, como o do jornalista Silva Passos com o seu pai, o do romancista Sousa Costa com a sua mãe, o do próprio Leonardo Coimbra, quer com o seu filho, quer com uma senhora da sua «melhor amizade»⁴⁶. É ainda feita referência a alguns outros casos, que a Parapsicologia denomina de xenoglossia⁴⁷, e de ecto-colo-plasmia⁴⁸. Incluído neste último fenómeno é referido o «caso transcendental» do seu colega de liceu, Dr. Sousa Coutinho, que fotografou um grupo de alunos em frente dos espaldares do ginásio, vendo-se «nitidamente» na fotografia esses espaldares através das cabeças dos alunos⁴⁹. Nos casos apresentados, é interessante verificar que Leonardo Coimbra não coloca a hipótese de fraude - aliás, muito frequente em acontecimentos deste género⁵⁰ - sendo apresentada como explicação geral a manifestação de «espíritos do além».

É patente que Leonardo Coimbra possuía uma vastíssima erudição e era dotado de uma penetrante acuidade nas suas análises. No entanto, houve algo de fundamental que lhe escapou e que ressalta em todas as experiências a que faz referência, e que tem a ver com a extraordinária capacidade do inconsciente, denominada pantomnésia na terminologia da Parapsicologia⁵¹. Óscar González-Quevedo - fazendo eco dos estudos no âmbito daquela ciência -, dadas as espantosas capacidades do inconsciente, apelida-o de «um génio desconhecido», e considera-o «a melhor escola de línguas». É ainda o desconhecimento das capacidades do inconsciente que leva, frequentemente, a buscar a explicação de determinados fenómenos em «musas», «demónios», «espíritos dos mortos»: «A mentalidade simplista do povo nunca caiu na conta do valor do inconsciente e por isso inventou as musas da pintura, da poesia, da retórica, da música, etc., uma espécie de deusas que inspiravam os artistas, os grandes inventores e génios. Desconhecia o inconsciente.»⁵²

⁴⁶ Cf. *LI*, pp. 184-186. Veja-se que em todos os casos há um elemento comum: a relação afectiva entre os intervenientes - aspecto fundamental no fenómeno telepático. Realce-se ainda o aspecto de, nas experiências relatadas, Leonardo Coimbra ter deliberadamente seleccionado casos em que pelo menos um dos intervenientes tinha um nível intelectual elevado.

⁴⁷ Consiste em fazer uso de línguas que o «dotado» conscientemente não conhece.

⁴⁸ A ecto-colo-plasmia é o fenómeno de moldagem de ectoplasma para formar, embora imperfeitamente, membros ou partes de pessoas, animais ou objectos. Grande parte destes fenómenos não passa de fraudes.

⁴⁹ Cf. *LI*, p. 200.

⁵⁰ Cf. as obras, já referidas, de Óscar González-Quevedo e o estudo do Padre Herédia, S. J., *Fraudes Espíritas e Fenómenos Metapsíquicos*, Trad. por José da Costa Saraiva, União Gráfica, Lisboa, 1966.

⁵¹ A capacidade pantomnésica significa «memória de tudo», «nada se esquece».

⁵² Óscar González-Quevedo, *O que é a Parapsicologia?*, *op. cit.*, p. 38.

Não é, no entanto, concretamente naquelas experiências apresentadas, que Leonardo Coimbra encontra o maior concurso para a «prova» da imortalidade. Todo o seu afã indagador volta-se agora para os acontecimentos ocorridos numa das suas sessões particulares de espiritismo. Muito sucintamente, apresentemos o facto a partir da descrição feita por Leonardo Coimbra⁵³. Numa dessas sessões, a 2 de Maio de 1918, um dos seus médiuns, Abílio Viegas, em escrita automática (uma das variantes da xenoglossia), entrou em comunicação com um tal Augusto Vieira Sardinha, relatando bastos pormenores a seu respeito, nomeadamente sobre o nascimento (em 1895), morte (na primeira quinzena de 1918, na frente de batalha da II Guerra Mundial), ocupação (soldado), etc. Durante essa comunicação, Leonardo Coimbra pediu ao médium que transmitisse à «alma do outro mundo» para que escrevesse para Leonardo Coimbra, para o Liceu Gil Vicente, local onde leccionava. O nosso filósofo confessa que ficou perturbado diante daquela comunicação⁵⁴.

A sessão havia passado, e quando Leonardo Coimbra, como confessa, «já mal pensava no caso», apareceu-lhe uma carta na secretaria do Liceu, vinda de França, localizada e datada de «Acampamento 8 Maio - 918», na qual o seu autor, um tal Urbano Junior, conta que os seus colegas lhe disseram que ele havia sonhado, em voz alta, o seguinte: «Escreve para Leonardo Coimbra Liceu Gil Vicente - Lisboa por mandado de Augusto Vieira Sardinha [...]» Em presença daquela carta, que recebeu na secretaria do Liceu, na presença do secretário e de alguns professores, diz Leonardo Coimbra: «confesso que tive arrepios, senti sobre a cara o bafo calafriante do mistério.»⁵⁵

Na posterior análise que é feita, Leonardo Coimbra afasta sucessivamente as hipóteses de fraude, criptomnésia e também de telepatia⁵⁶, concluindo que mesmo não absolutizando os resultados, é-lhe difícil não incluir este caso noutra categoria que não seja o do espiritismo: «Por mim, depois de verificar a dificuldade de o meter sob as rubricas dos outros fenómenos estudados anteriormente ao espiritismo, guardo a *douta* ignorância, comovida e consciente.»⁵⁷ Contudo, o que mais claramente divisamos nas suas conclusões

⁵³ Cf. *LI*, pp. 208 e ss. É de lamentar que nas *Obras Completas* de Leonardo Coimbra, em 2 volumes, publicadas pela Editora Lello & Irmão, do Porto, em 1983, não estejam incluídos os documentos manuscritos que fazem parte da obra *A Luta pela Imortalidade*. Desta e doutras graves lacunas e deficiências dá conta Alexandre Fradique Morujão em «Notas às *Obras de Leonardo Coimbra*», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XXXIX, 4(1983), pp. 480-484.

⁵⁴ Cf. *LI*, p. 211.

⁵⁵ *Ib.*, p. 213.

⁵⁶ Cf. *Ib.*, pp. 214-216.

⁵⁷ *Ib.*, p. 221. Para o estudo dos fenómenos estudados anteriormente ao espiritismo, Leonardo Coimbra remete para a obra de William James, *Principles of Psychology*, 1890, em dois volumes.

é, afinal, um certo temor em penetrar no mistério da Morte, desprestigiando-a e com isso trazer à vida uma monotonia enfasiadora gerada nas certezas eventualmente encontradas: «Foi uma viagem para além dos mares e dos céus, o meu sonho tem mais asas [...].

Mistério, mistério, guarda as tuas regiões maravilhosas [...].

O que eu quero é saber interrogar, não sou homem de afirmações e certezas [...]. Interrogando e admirando.»⁵⁸

Mas, afinal, esta experiência concreta, onde Leonardo Coimbra fez residir um foco iluminador da imortalidade, será assim tão decisiva? Analisemo-la à luz dos dados da Parapsicologia, que Leonardo Coimbra não possuía, pois só a partir dos finais dos anos trinta são elaborados estudos mais sérios de esclarecimento dos fenómenos denominados de paranormais.

Passemos então à análise desta experiência, a partir dos dados indicados, pois Leonardo Coimbra não nos fornece alguns pormenores de muita importância para um juízo mais completo, como o caso de saber se algum dos presentes na referida sessão tinha tido qualquer conhecimento, alguma vez, do tal Augusto Vieira Sardinha, e ainda se o Viegas, ou algum dos assistentes, tinha tido alguma ligação com o Urbano Junior. É que, como já referimos atrás, o tipo de fenómenos que eventualmente se passaram nesta sessão, verifica-se com mais facilidade entre pessoas com ligação afectiva.

Antes de mais, vamos partir de um postulado que a Parapsicologia nos dá, que é a não comunicação **natural** entre os vivos e os mortos: «Outra das principais conclusões da parapsicologia teórica é a confirmação de que não há comunicação natural entre os vivos e os mortos. Nem os vivos têm força para intervir no mundo dos mortos, nem os mortos têm força para intervir no mundo dos vivos. Alguns casos ao longo da história, muito raros, serão fenómenos que se devem à força divina.»⁵⁹ Assim, a explicação da sobrevivência aparece mais como uma dedução lógica da espiritualidade da alma⁶⁰.

Para casos como o passado com Leonardo Coimbra, de algumas hipóteses de explicação que a Parapsicologia nos oferece, a que nos parece mais plausível é a de ST

⁵⁸ *LI*, p. 218. Mais adiante, cai na conta Leonardo Coimbra que, afinal, «O Mistério não diminuiu, fez-se maior e mais amigo, dealbou de uma luz insinuante e amigável, dum mais vasto e íntimo abraço espiritual.»

⁵⁹ Oscar González-Quevedo, *O que é a Parapsicologia?* *op. cit.*, p. 100. Ou, como este mesmo autor refere noutra local, até hoje ainda está por provar qualquer comunicação natural entre os mortos e os vivos - Cf. *A Face Oculta da Mente*, *op. cit.*, p. 364.

⁶⁰ Cf. *Id.*, *O que é a Parapsicologia?* p. 100.

(sugestão telepática), isto é, a sugestão paranormal de ideias (ou sentimentos, etc.) a outra pessoa, possível por uma faculdade espiritual no homem (*Psi-Gamma*), que se exerce tanto trans-espacialmente como trans-temporalmente⁶¹.

Tendo em conta, por um lado, quer os dados que Leonardo Coimbra nos fornece, quer, por outro, as conclusões ou princípios que a Parapsicologia hoje nos oferece, parece-nos que o fenómeno se teria desenrolado do modo seguinte:

a. Houve transmissão de pensamento do conteúdo da psicografia, o mais provável a partir do Viegas, ou de algum dos presentes, para o Urbano Junior.

b. Essa transmissão teria coincidido com a sessão de espiritismo, pois esta realizou-se a 2 de Maio, e a carta é escrita a 8 de Maio, onde pode ler que «**Há dias** eu, estando a descansar, comecei a gritar dizendo muitas falas (...)».

c. A recepção do pensamento de outrem é facilitada com o consciente total ou parcialmente «obnubilado», o que acontecia com o Urbano, pois refere «estando a descansar». O que não deixa de ser possível com a simultaneidade da sessão, pois Leonardo Coimbra diz que foi de tarde que encontrou um dos seus alunos, que o acompanhou do Liceu até a casa. Que no caminho encontraram o Viegas. E que, depois, ainda apareceram mais três alunos seus, que assistiram à sessão. É, portanto, possível, que a sessão só se realizasse ao cair da noite, coincidindo com o sono do Urbano. Se bem que, em tempo de guerra, não haja horas certas para o descanso.

d. A carta do Urbano dá a entender que ele era um «dotado» parapsicológico ou «sensitivo» (o que, igualmente, facilita a ocorrência destes fenómenos), ao referir: «os meus amigos dizem que sou sonâmbulo e que digo muitas coisas, sem eu saber o que digo.»

e. Assim, o mecanismo do fenómeno parece ser este: Primeiro, transmissão do conteúdo da psicografia por algum dos presentes na sessão da experiência em análise, dirigida por Leonardo Coimbra, e respectiva recepção inconsciente por parte do Urbano. Segundo, exteriorização dessas ideias, sonambulamente, por parte do Urbano - possivelmente deu-se a simultaneidade emissão-recepção -, que são captadas pelos amigos. Terceiro, o escrever a carta para Leonardo Coimbra, por conselho dos amigos, que tinham

⁶¹ Cf. *Id.*, *A Face Oculta da Mente*, p. 350.

ouvido o conteúdo do inconsciente do Urbano, que o próprio esclarece que «do que disse não me lembro».

Aplicando os conhecimentos da Parapsicologia a esta experiência, concluímos tratar-se de um caso paradigmático em que, afinal, não há manifestação da «mónada de morto» como depreendera Leonardo Coimbra, continuando a subsistir, assim, o mistério da Morte.

3. - Conclusão

As ilações de Leonardo Coimbra, apesar de em passos de *A Luta pela Imortalidade* parecerem tender para a absolutização, vêm mostrar a sua capacidade de filósofo, pois não se acomodava na certeza (aliás, fonte do *cousismo*), antes adopta como lema aquilo que define verdadeiramente o filosofar «interrogando e admirando».

Até hoje, o pós-Morte ainda não foi desvendado de um modo palpável, porque a «imortalidade» não frequenta laboratórios: ou se dá o passo para o plano da fé (que pode ser ajudado por maiores ou menores argumentações filosóficas) ou, então, pode ser que o homem esteja «condenado» a ser eterno caminhante à busca do inexplicável, do absurdo, para os nossos olhos humanos. E Leonardo Coimbra foi compreendendo e concluindo, ao longo da sua vida, que o mistério da Morte é mesmo Mistério, requer um «salto no vazio», pois o entendimento não o enxerga. A esse mistério concreto subjaz-lhe, certamente, um mistério mais vasto, que é o «mistério ontológico».

Leonardo Coimbra, depois da sua labuta indagadora, incluindo a via do espiritismo, em tentar levantar o véu do mistério da Morte, acaba por compreender que o Mistério é, simultaneamente, antídoto à monotonia da vida e seu próprio aliciante. Por isso - remata Leonardo Coimbra numa linha muito próxima da de Sampaio Bruno -, há que aceitá-lo: «Mistério, mistério, guarda as tuas regiões maravilhosas para que se não entorne sobre a vida um pouco daquela monotonia que a visão espectroscópica dos astros remotos trouxe à sensibilidade de Guyau.»⁶²

⁶² *LI*, p. 218.

BIBLIOGRAFIA

- CIDADE**, Hernâni, «Leonardo Coimbra (Depoimento de um companheiro de trabalho)», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950.
- COIMBRA**, Leonardo, *O Ciacionismo. Esboço de um sistema filosófico*, Renascença Portuguesa, Porto, 1912.
- *A Morte*, Renascença Portuguesa, Porto, 1913.
 - *A Luta pela Imortalidade*, Renascença Portuguesa, Porto, 1918.
 - *O Homem às mãos com o Destino*, separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, Faculdade de Filosofia, Braga, 1950.
 - *Dispersos. III Filosofia e Metafísica*, compilação, fixação de texto e notas de Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, Nota preliminar de Francisco da Gama Caeiro, Editorial Verbo, Lisboa, 1988.
- COIMBRA FILHO**, Leonardo, *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Anna Dionísio «Leonardo Coimbra. Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas»*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936.
- DIONÍSIO**, Sant'Anna, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1936.
- FREITAS**, Manuel, «Leonardo Coimbra. Incidências positivistas na sua Filosofia», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XVI, 2(1960), pp. 157-173.
- GOMES**, F. Soares, «Parapsicologia», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1991, cls. 1336-1341.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO**, Óscar, *O que é a Parapsicologia?* 10ª ed., Editorial A.O., Braga, 1978.
- *As Forças Físicas da Mente*, 2 vols., 10ª ed., Editorial A.O., Braga, 1978.
 - *A Face Oculta da Mente*, 31ª ed., Editorial A.O., Braga, s/d.
- HERÉDIA**, S.J., P., *Fraudes Espiritistas e Fenómenos Metapsíquicos*, Trad. por José da Costa Saraiva, União Gráfica, Lisboa, 1966.
- MACEDO**, F. Newton de, «A Luta Pela Imortalidade», in *A Águia*, Porto, vol. 15, 85-87(1919), pp. 45-48.
- MAGALHÃES**, António de, «A Perenidade do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XII, 4(1956), pp. 337-359.
- MORUJÃO**, Alexandre Fradique, «Notas às Obras de Leonardo Coimbra», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XXXIX, 4(1983), pp. 480-484.
- RIBEIRO**, Ângelo, «O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra. A propósito do seu último livro *A Luta pela Imortalidade*», in *Atlântida*, Lisboa, IX, 33-34(1919), pp. 938-945.
- ROSA**, Faure da, «As Experiências Metapsíquicas de Leonardo Coimbra», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 163-168.
- SANTOS**, Alfredo Ribeiro dos, *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*, Prefácio de José Augusto Seabra, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1990.

VILELA, António Lôbo, *Hipóteses Metapsíquicas*, Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Porto, s/d.